

FONTE : Journal do Brasil

CLASS. : Garimpo 56

DATA : 8 2 92

PG. : 12

Polícia Federal já tem provas do assassinato de brasileiros

BRASÍLIA — A Polícia Federal já tem provas de que os brasileiros mortos no incidente com o avião Cessna em território venezuelano foram assassinados por disparos feitos em terra. Após examinar os corpos do piloto José Xavier Mendonça e do garimpeiro Moisés Ferreira, a equipe da Polícia Federal endossa os depoimentos de garimpeiros que assistiram à derrubada do bimotor.

Num relatório preliminar de 51 páginas, a equipe composta por três médicos, dois dentistas e sob a coordenação do legista Fortunato Palhares detalha a exumação e autópsia dos corpos e revela que eles foram perfurados por "balas de grande poder energético". No final da manhã de ontem, o diretor-geral da Polí-

cia Federal, delegado Romeu Tuma, levou o relatório ao ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, que ficou incumbido de comunicar o resultado parcial das análises ao presidente Fernando Collor.

"O laudo da Unicamp não é definitivo. Ainda faltam alguns estudos, fotos e novos exames, mas já há evidência de que os garimpeiros foram alvejados em terra", confirmou o ministro Rezek. O delegado Romeu Tuma informou ainda que o legista, apesar de acelerar as análises, preferiu não elaborar um relatório conclusivo. Segundo Tuma, o especialista quer ainda consultar os resultados da exumação feita pelos técnicos venezuelanos e espera também obter cópia

das filmagens e fotografias que fez próximo ao local onde foram encontrados os corpos.

O Itamarati ficou encarregado de negociar o envio do material venezuelano. Também ficará a cargo dos diplomatas resolver o problema criado pela Justiça venezuelana ao apreender as fotografias feitas por Palhares durante a exumação. O técnico brasileiro também quer receber algumas peças retiradas dos corpos dos brasileiros durante a exumação.

"Só a omissão do governo venezuelano em punir os culpados poderá abalar as relações entre os dois países. Como não apostamos que a Venezuela deixará de puni-los, nossa relação não será abalada", afirmou Rezek.

Piloto é enterrado na capital paulista

Cerca de 50 pessoas acompanharam o enterro do piloto José Xavier de Mendonça, que morreu no dia 16 de janeiro em território venezuelano, realizado ontem às 16h, no Cemitério da Consolação, e sob uma forte chuva. Maria Luíza, mulher do piloto, não apareceu. Apenas amigos, a mãe, dona Tereza Xavier de Mendonça, e as irmãs Maria Inês Xavier de Mendonça Bandeira Azevedo e Maria Tereza Xavier de Mendonça Davoli.

"A família não está interessada em processar ninguém", informou Luis Augusto Contier, amigo da família que esteve ao lado de dona Tereza durante toda a cerimônia. Ele contou que era desejo do piloto

ser cremado e ter as cinzas jogadas no Rio Tapajós. Mas os amigos aconselharam a família a não atender a tal desejo, pela delicadeza da situação. "Só queríamos que o corpo estivesse em São Paulo, o resto depois a gente pensa", disse.

A mãe do piloto não quis falar. Não sabe o que irá fazer. A cunhada de dona Tereza, mais conhecida como tia Marilena (Marilena Mendonça Souza), que é oficial de chancelaria do Itamarati, em Brasília, disse que passou 25 dias de agonia e que um eventual processo judicial faz parte de uma segunda etapa.

Alguns amigos do piloto contavam que ele era um aventureiro. Uma pessoa admirável pela sua

busca constante da felicidade. "Ele caiu nove vezes de avião, e esta última foi boa", disse Moacyr Carvalho Dias, que viu o piloto nascer. Quando a chuva acalmou, todos foram saindo do cemitério e a irmã de José Xavier, Maria Inês, riu quando um amigo disse que estava com pneumonia, por causa da chuva, e desta vez quem iria morrer era ele.

O relatório do legista Fortunato Badan Palhares, com 51 páginas, foi enviado pela Unicamp pela manhã diretamente para o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, em Brasília. A Unicamp ainda está com o corpo do garimpeiro Moisés Ferreira na geladeira. Apesar de estar liberado, ninguém o reclamou.